

REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA SOBRE RELACIONAMENTO NÃO-MONOGÂMICO

THOR BARCELLOS MELONI¹, EDUARDO LOCH², THEODORA BOROWSKY ANDRADE³, LUCAS LIMA RIBEIRO GULARTE⁴, HELEN BEDINOTO DURGANTE⁵

¹*Universidade Federal de Pelotas - thormeloni.tb@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - duds.loch@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - andradetheodora@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - lucas.gularte2@gmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas - helen.durgante@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Desde que começou-se a registrar as formas de relacionamento conjugal das sociedades humanas, principalmente as ocidentais, estas refletiam, de certa forma, os valores e conjuntura da época. O casamento era um contrato entre famílias das altas classes, como forma de garantir seu prestígio social e financeiro. Com a ascensão do Cristianismo, o amor nestes relacionamentos era idealizado. No século XII o relacionamento amoroso estava atrelado ao amor cortês, o qual significava renúncia aos prazeres físicos, e nos séculos XVIII e XIX, o amor romântico era a justificativa da existência do indivíduo. Já, na contemporaneidade, o amor conjugal nos relacionamentos significa principalmente exclusividade, mas surgem, em contraponto, outros significados (PRETTO *et al.*, 2009). Estes correspondem ao termo guarda-chuva ‘não-monogamia consensual’ que engloba uma série de práticas relacionais e sexuais, como poliamor, relacionamento aberto e *swinging*, que se organizam de diferentes formas, mas têm em comum que os indivíduos envolvidos têm liberdade de relacionar-se afetivo/sexualmente com mais de uma pessoa, desde que todos tenham ciência disso (SCOATS, 2022).

Tendo em vista que se trata de um assunto recente em contexto mundial, a forma de relacionamento analisada na presente revisão de literatura é a não-monogamia. Esta vai na contramão do controle e exclusividade da monogamia, tomando como suas bases a comunicação, honestidade e auto-responsabilidade, a fim de deixar ambas as partes o mais satisfeitas com suas necessidades e desejos (MOGILSKI *et al.*, 2019). Mesmo sendo interesse crescente de parte da população ocidental sobre as possibilidades dessa forma de relacionamento (MOORS, 2017), relações não-monogâmicas ainda são estigmatizadas e desconsideradas, principalmente como tema de relevância científica nas pesquisas (COSTA; BELMINO, 2015). A partir disso, o objetivo do presente estudo é conduzir uma revisão narrativa da literatura acerca do tema da não-monogamia para compreender o teor das publicações até o momento.

2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão bibliográfica através da busca em julho de 2024 de artigos científicos disponíveis em formato aberto nas plataformas Scielo e PsycNet, utilizando as palavras-chave “não-monogamia” e “monogamia”, nos idiomas português e inglês. As buscas resultaram em cinco publicações principais relativamente recentes, em que o estudo mais antigo utilizado nesta revisão data do ano de 1995, e o mais recente do ano de 2024. Ademais, foram analisadas as referências bibliográficas dos artigos encontrados, resultando em sete publicações adicionais, utilizadas para a realização das reflexões aqui propostas. Ao todo, foram incluídos 12 artigos que abordavam diferentes discussões sobre o tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maioria dos estudos incluídos apresentou delineamento quantitativo com número reduzido, ou não especificado de participantes autodeclarados não-monogâmicos. Ainda, o conteúdo dos estudos é variado, mas em seu cerne todos giram em torno das percepções dessas pessoas acerca dessas formas de relacionamento. Em termos de definição conceitual, de acordo com Balzarini *et al.* (2018), a não-monogamia é descrita como quando ambas as partes do casal têm liberdade de relacionar-se sexual e/ou amorosamente com outras pessoas fora da diáde. Contudo, isso não é uma regra, pois cada casal pode chegar ao melhor combinado para ambos, visando compreender e satisfazer as vontades de todos os envolvidos, a fim de criar um relacionamento saudável baseado em comunicação aberta, honestidade e auto-responsabilidade, havendo consenso nas publicações analisadas acerca da definição aqui apresentada.

Em termos de viés de publicação, com atitudes possivelmente estigmatizantes, essas informações são comumente confundidas e mal-interpretadas, seja por falta de embasamento teórico-empírico, ou por conclusões enviesadas sobre não-monogamia. Segundo Conley *et al.* (2012) e Hutzler *et al.* (2016), acredita-se que uma pessoa não-monogâmica é mais suscetível a contrair algum tipo de Infecção Sexualmente Transmissível (IST) quando comparada a uma pessoa monogâmica. Ainda, crê-se que engajar em uma relação deste formato significa que os indivíduos não se amam verdadeiramente e que essa configuração relacional não é natural. Entretanto, um estudo apontou não haver diferenças significativas entre relações monogâmicas e não-monogâmicas quando se trata de amor, comprometimento, qualidade da relação e satisfação (SCOATS, 2022). O que de fato se contrasta entre essas relações é que, casais não-monogâmicos, por poderem expressar sua sexualidade de forma mais livre e confortável, podem ser, na verdade, mais responsáveis sexualmente em relação à prevenção de ISTs (SCOATS;CAMPBELL, 2022). Isso demonstra que crenças estigmatizantes ancoram-se, muitas vezes, no fato de que práticas relacionais que fogem às normas sociais/culturais pré-estabelecidas podem vir a ser descartadas como válidas.

Portanto, é natural do ponto de vista histórico que surjam contrapontos e alternativas à norma pré-estabelecida. Segundo dados de revisão recente (RODRIGUES, 2024) quando o *status-quo* é desafiado, seja no aspecto social, político ou econômico, suas forças mantenedoras atuam para suprimir qualquer possibilidade de êxito das alternativas. Estas podem manifestar-se de forma literal, como instituindo a poligamia como crime sob o Código Penal Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940, art. 235, ou de forma implícita, como a sistematizada ridicularização e estranhamento dessa prática conjugal por meio de piadas, comentários e preconceitos que, em certa medida, acabam por restringir e moldar comportamentos e percepções de pessoas não-monogâmicas sobre seus próprios relacionamentos. Desta forma, alternativas de relacionamento conjugal não-monogâmicos, por mais que percebidas de forma pejorativa tanto em aspectos legais quanto de sua qualidade relacional, são circunstâncias naturais de transição do processo histórico, observados em outras épocas (PRETTO *et al.*, 2009).

4. CONCLUSÕES

De acordo com os estudos analisados nesta revisão é possível observar que a definição de não-monogamia em estudos científicos não apresenta divergências significativas. Contudo, percebe-se que a não-monogamia enquanto tema de consideração científica ainda sofre estigmatização e descrédito por ser entendida como uma ameaça ao *status-quo* relacional. Isso se dá pois, no contexto moderno ocidental em que a monogamia sustenta-se como padrão moral e institucional em estruturas tanto legais quanto religiosas, práticas alternativas de relacionamento conjugal podem tensionar os pilares que mantêm essas normas reguladoras. Até o momento desta revisão, e, conforme os dados obtidos, a desconsideração e estigmatização de relacionamentos não-monogâmicos não possuem base teórico-empírica que as sustente. Quase não há estudos sobre essa forma de relacionamento conjugal na língua portuguesa, mesmo que termos relacionados (relacionamento, relação conjugal) sejam incluídos nas pesquisas. Há, contudo, uma quantidade maior sobre o tema na língua inglesa, mas poucos destes estudos apresentam dados relativamente significativos para a discussão aqui proposta. Estes dados servem como referencial para futuras pesquisas. É de suma importância aprofundamento científico sobre o tema para que aumente-se o acesso à informação sobre a não-monogamia e, desta forma, sejam preenchidas as lacunas teórico-empíricas que dão espaço para a estigmatização dessa forma de relacionamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARKER, M., LANGRIDGE, D. **Whatever happened to non-monogamies? Critical reflections on recent research and theory.** *Sexualities*, 13(6), 748-772, 2010.
- BALZARINI, Rhonda & Dharma, Christoffer & Kohut, Taylor & Campbell, Lorne & Lehmler, Justin & Harman, Jennifer & Holmes, Bjarne. **Comparing Relationship Quality Across Different Types of Romantic Partners in Polyamorous and Monogamous Relationships**, 2018.
- CONLEY, T. D., MATSICK, J. L., MOORS, A. C., & ZIEGLER, A. Investigation of Consensually Nonmonogamous Relationships: Theories, Methods, and New Directions. *Perspectives on Psychological Science*, 12(2), 205-232, 2017.
- COSTA, Tatiane; BELMINO, Marcus Cézar - **Poliamor: da institucionalização da monogamia à revolução sexual de Paul Goodman**. 2015
- DAVID, S., SMITH. "Monogamy? In this Economy?": Stigma and Resilience in Consensual Non-Monogamous Relationships. *Sexuality and Culture*, 1-22, 2023.
- HARMAN, J. J., & HOLMES, B. M. Comparing relationship quality across different types of romantic partners in polyamorous and monogamous relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 48(6), 1749–1767, 2019.
- HUTZLER, Kevin & Giuliano, Traci & Herselman, Jordan & Johnson, Sarah. Three's a crowd: public awareness and (mis)perceptions of polyamory. *Psychology & Sexuality*. 7. 1-19, 2015.
- MOGILSKI JK, REEVE SD, NICOLAS SC, DONALDSON SH, MITCHELL VE, WELLING LL: Jealousy, consent, and compersion within monogamous and consensually

non-monogamous romantic relationships. **Archives of Sexual Behavior**, 48:1811–1828, 2019.

MOORS, A. C., MATSICK, J. L., & SCHECHINGER, H. A. Unique and shared relationship benefits of consensually non-monogamous and monogamous relationships: A review and insights for moving forward. **European Psychologist**, 22(1), 55–71, 2017.

PRETTO, Z., MAHEIRIE, K., TONELLI, M. J. F. Um olhar sobre o amor no ocidente. **Psicologia Em Estudo**, 14(2), 395–403, 2009.

Rodrigues DL. A Narrative Review of the Dichotomy Between the Social Views of Non-Monogamy and the Experiences of Consensual Non-Monogamous People. **Archives of Sexual Behavior**. 53(3):931-940, mar 2024.

Scoats R, Campbell C. What do we know about consensual non-monogamy? **Current Opinion in Psychology**. 48:101468. dez 2022.